



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE MÚSICA
ORQUESTRA SINFÔNICA DA UFBA**

**OSUFBA, TEMPORADA 2023, 69 ANOS
DÉCIMO-TERCEIRO CONCERTO
CONCERTO SINFÔNICO**

**Salão Nobre da Reitoria da UFBA
Sexta-feira, 29 de setembro de 2023, 19 horas**

* * * * *

Ao inaugurarem-se os Seminários Livres de Música, em 15 de outubro de 1954, o processo de criação do setor universitário de música já iniciara com dois importantes movimentos: os Seminários Internacionais de Música, criados como atividade permanente da Universidade, constituindo o instrumento de integração artística entre centros culturais do Brasil e exterior, e as ações que davam forma definitiva a uma Escola de Música de nível superior, sistematizada em objetivos cujas origens remontavam ao último decênio dos anos 40. Na mesma ocasião, foram lançadas as bases para a criação de uma Orquestra Sinfônica e um Madrigal, organismos destinados a proporcionar o conhecimento das grandes obras-primas da literatura musical. Assim, neste ano de 2023, aproximando-se dos seus 70 anos, iniciamos as celebrações de sete décadas de dedicação ao ensino, à arte, à comunicação e serviço à comunidade.

PROGRAMA

Ludwig van Beethoven
(1770-1827)

Sinfonia No. 7, Op. 92, em lá maior
(1811-12)

Poco Sostenuto – Vivace

Gilson Santana* – Regência

Allegretto

Rafael Espinheira* – Regência

Presto / Assai meno Presto

Vicente Sanches* – Regência

Allegro con brio

Pedro Vieira* – Regência

*Classe de Regência de Graduação do
Prof. Dr. José Maurício Brandão

Lili Boulanger
(1893-1918)

D'un matin de printemps
para grande orquestra (1917-18)

Eli-Eri Moura
(1963-)
(2007)

Armorialis
Concerto duplo para Viola e Cello

Romance

Incelença

Desafio

Lais Guimarães – Viola

Italo Nogueira – Cello

Orquestra Sinfônica da UFBA

Maestro José Maurício Brandão – Regência

Estreada em Viena, em 8 de dezembro de 1813, num concerto em benefício de soldados feridos na Batalha das Nações (ocorrida seis semanas antes, contra as tropas de Napoleão Bonaparte), a *Sinfonia No.7, Op 92* fez par com um dos raros exemplos de música programática em **L. v. Beethoven**: a *Vitória de Wellington, Sinfonia de Batalha, Op. 91*. Após essa estreia, cujo sucesso teve repercussões muito positivas e que conferiram ainda mais popularidade ao então já célebre compositor, ambas as obras foram consideradas, durante muito tempo, somente em conjunto: uma parecia representar a própria batalha (Op. 91) e a outra, a alegria e a celebração da vitória (Op. 92). Despojada desse fato circunstancial, porém, essa obra apresenta elementos fundamentais que norteariam a linguagem musical das gerações que sucederam Beethoven e que nele viram fonte substancial para novas posturas estéticas: pode-se dizer, assim, que na Sétima Sinfonia há marcadamente o início de um Beethoven anunciador da música do futuro. Nela o som adquire importância significativa, para além de mero material de construção melódica. Timbre, densidade e intensidade assumem papéis quase autônomos, como elementos expressivos que falam por si só. O tratamento da exposição temática, da mesma forma, toma, na Sinfonia Op. 92, uma nova feição. Se nas sinfonias de Haydn e Mozart, e nas primeiras sinfonias de Beethoven, os temas são expostos sem rodeios e com uma “asserção” incontestável, em motivos mais ou menos delineados e de clareza explícita, na Sétima Sinfonia há certa ambiguidade expositiva que garante, ao compositor, potencialidades múltiplas para o trabalho de desenvolvimento: há uma nova proposta conceitual para o elemento temático, que é mais germe ou embrião fomentador da liberdade criativa que proposta lógica a ser demonstrada. A própria ideia de melodia, que no Classicismo sinfônico era quase sempre indissociável da ideia de tema e consequente desenvolvimento ou variação, aparece aqui modificada pelo gênio beethoveniano. É certo que, em Beethoven, quase nunca se pode observar a franqueza melódica tão acessível, por exemplo, em Mozart ou Schubert. No entanto, o Beethoven da Sinfonia Op. 92 parece subverter a noção clássica de melodia para dela poder explorar outros caminhos, em que a rítmica assume papel fundamental. Observada no contexto maior da obra e vida de Beethoven, afastada do momento circunstancial de sua estreia, a Sinfonia No. 7 ainda assim se coloca numa posição ímpar. Se na década de 1800 a 1810 os insucessos amorosos e o avanço inexorável da surdez ajudam a fazer explodir o gênio criativo em Beethoven, a segunda década do século XIX vê a consolidação definitiva de sua linguagem e de suas posturas estéticas e ideológicas. O grau de abstração a que Beethoven submete os elementos formais da linguagem musical do Classicismo posiciona a Sétima Sinfonia num lugar sem precedentes no todo de sua obra e no campo da música sinfônica em geral. A angústia dialética que o acomete como compositor, fundamentada, por um lado, na ideologia romântica que lhe norteia o trabalho criativo e, por outro, na sua dificuldade em abandonar os modelos clássicos parece, aí, descortinar-lhe uma possibilidade expressiva até então pouco explorada. Assim, se Romain Rolland designou a Sinfonia Op. 92 uma “orgia de ritmos”, é porque não teve totalmente a compreensão do artista criador, que busca seus próprios caminhos. Mais lúcida é a metáfora de Richard Wagner, que a ela se referiu como “a apoteose da dança.”

Marie-Juliette Olga Lili Boulanger nasceu em Paris em 21 de agosto de 1893 e faleceu em Mézy-au-Seine (França) em 15 de março de 1918. Sua *D'un matin de printemps* (De uma manhã de primavera) foi composta com uma peça irmã – *D'un soir triste* (De uma noite triste) – durante os últimos meses de sua curta vida (tendo sido inclusive ajudada por sua irmã Nadia Boulanger). Lili já tinha feito o seu nome como a primeira mulher a ganhar o prestigiado Grand Prix de Roma, sendo elogiada por se distinguir entre seus colegas impressionistas. Aos 24 anos, doente em estado terminal e presenciando a aproximação dos bombardeios alemães a Paris, seus trabalhos finais atestam seu discurso composicional maduro que, mesmo nestas circunstâncias exploram cor, vigor e harmonia. *D'un matin de printemps* (obra para grande orquestra, mas que também sobreviveu em versões camerísticas), concluída dois meses antes de sua morte, em nada reflete sua pessoal e condicional

fragilidade. Em 1917 quando a guerra fazia a presença em Paris ser temerária, Lili transfere-se com sua mãe e sua irmã Nadia para Mézy, onde se devota aos seus últimos trabalhos. As peças irmãs foram as duas últimas que registrou de próprio punho. Três anos após sua morte ambas peças foram estreadas no Conservatório de Paris, em 13 de março de 1921 sob a regência de Rhené Baton. A abertura rápida de *D'un matin de printemps* é sustentada por colcheias leves nas cordas, proporcionando impulso à medida que a flauta solo entra com o tema principal. Como grande parte da música francesa da época, os sopros aparecem com destaque, transmitindo vibração com seu timbre brilhante; passagens melódicas ocasionais de cordas adicionam uma textura exuberante. Esta manhã de primavera não está isenta de sombras, no entanto. Depois que metais e percussão se juntam para uma breve ressonância do conjunto, a energia da abertura afunda em um estado obscuro. Boulanger emprega magistralmente cor e textura para continuar esse fluxo e refluxo contínuo entre dois reinos. Um deles é brilhante e alerta, com cada reafirmação do tema principal em sopros solo atuando como um chamado à atenção e restaurando o andamento mais rápido. O outro é onírico, marcado por mistério, com violino fantasmagórico, harpa e celesta aumentando o efeito. Eventualmente, a energia inicial retorna por completo em uma série de floreios, e um glissando final na harpa marca seu final brilhante.

Armorialis – Concerto Duplo para viola, violoncelo e orquestra – escrito em 2007, em homenagem aos 80 anos do escritor Ariano Suassuna, foi comissionado pela direção do XI Festival Internacional de Música Virtuosi, realizado na cidade do Recife, ao compositor paraibano **Eli-Eri Moura**. A obra tem sua concepção a partir das idéias de Ariano Suassuna referentes à Música Armorial, particularmente no que diz respeito às suas propostas de estabelecer na música um elo entre o popular e o erudito; de recriar os cantares, os toques de viola e da rabeça dos cantadores do Nordeste brasileiro; e de evocar a tradição medieval ibérica, cujos traços estão presentes na cultura popular nordestina. No primeiro movimento (*Romance*), há uma alusão aos romances de cavalaria da Idade Média. Recordando as raízes ibéricas do Nordeste, Ariano diz: “Na Idade Média convive uma cultura erudita, com livros escritos em Latim, e, ao lado dela, a poesia popular cantada em romance, isto é, em provençal, em espanhol, no dialeto galaico-português etc. É o tempo das cantigas e canções-de-gesta, compostas e cantadas sobre Carlos Magno e os Doze Pares da França, a Demanda do Santo Graal, o Cid, sobre Reis mouros como Abenêmar, e os Cavaleiros cristãos como Galaaz. Logo, por economia, esses poemas, ao mesmo tempo líricos e épicos, escritos em romance passam a ser chamados somente de romances, e o nome se estende a toda a literatura narrativa em prosa ou em verso; são os romances de cavalaria, escritos em prosa, e as gestas, dos trovadores e treveiros, escritos em verso”. O Segundo movimento representa uma *Incelença*, um cântico entoado durante um velório, em volta do morto, por uma rezadeira (a líder) e por um coro de sentinelas (demais pessoas que acompanham a cerimônia funerária, rezando e cantando). Figurativamente, os dois instrumentos solistas ‘cantam’ tal cantiga, que chega aos ‘ouvidos do divino’ na parte central do movimento, quando se irrompe uma citação do Dies Irae medieval em uma roupagem de maracatu de baque virado. O terceiro movimento é um *Desafio*, que representa um dos tipos de cantoria de viola do Nordeste brasileiro. A cantoria de viola tem suas raízes na poesia dos trovadores andarilhos da Europa medieval e foi trazida para o Brasil pelos portugueses a partir do século XVI. Ela é executada por dois poetas cantadores (repentistas) que acompanham com violas caipiras (violas de arame) seus improvisos num verdadeiro duelo poético sobre casos da tradição oral, acontecimentos reais, filosofia e política. Em *Armorialis* esse duelo é travado entre a viola e o violoncelo solistas.

Orquestra Sinfônica da UFBA – 69 Anos Coordenação: Prof. Dr. José Maurício Brandão	
Flautas & Piccolo	
Rafael Dias*	Tota Portela
Adriel dos Santos*	
Oboés & Corne-Inglês	
Lucas Avelino*	Paola G. Rodrigues*
Alisson Azevedo	Gustavo Seal
Clarinetas & Clarone	
João Gabriel Braga*	Roberto Carlos Jr*
Hudson Ribeiro	Patrícia Perez
Fagotes & Contrafagote	
Jean Marques	Livia Sansil*
Bruno Peçanha	
Trompas	
Paula Guimarães	Celso Benedito
Josely Saldanha	João Luis Magalhães
Trombones	
Harnefer Oliveira	Sergio Gabryel*
Igor Santos*	Fred Dantas
Trompetes	
Bruno Oliveira*	Lucca Marocci*
William Reis Silva*	
Tímpanos & Percussão	
Isaac Novais	Oscar Mauchle
Italuã Schneiberg*	
Harpa	
Alice Emery Feliciano	
Celesta	
Teca Gondim**	
Tuba	
Renato Costa Pinto	
Violinos I	
Marco Catto (Spalla)	Ivan Quintana*
Diogo Pimentel	Reinaldo Silva*
Mario Soares	João Azevedo*
Lucas Avila*	Enzo Albuquerque*
Antonio Amorim	Daniel Cavalcanti*
Violinos II	
Davi Guima	Isabela Rangel*
Ana Zanata	Filipe Monteiro*
Fred Pessoa	Alan Uchoa*
Mateus Mariani*	Bruna Dourado*
Mario Gonçalves	Angela Onnis
Violoncelos	
Thomas Rodrigues	Pilar G. Rodrigues*
Guilherme Venturato	Janice Brandão*
Faisal Hussein	Luis Felipe Nobre*
M. Cândida Lobão	David Matos*
Italo Nogueira	Christian Knop
Violas	
Serghei Iurcik	Stênio Rodrigues*
Helena Rabelo	Gerusa França*
Ana Florencia Paulin	Airã Saulo*
Icaro Smetak	Matheus Alves*
Lais Guimarães	
Contrabaixos	
Rodolfo Dantas	Lucas Bahia*
Jessica Albuquerque	Bella Loran*
Arte Gráfica & Audiovisual	
Augusto Caymami*	Eduardo Ravi
Administrativo	
Isadora Ramos	Ida Araujo
Produção e Comunicação	
Vanessa Santana	Any Valette
Técnica	
Antonio Jorge Ferreira	
Arquivo	
Davi Cerqueira	
* Aluno da UFBA	
** Professor da UFBA	

Próximos Concertos:

Domingo, 08 de outubro de 2023, 10 horas, Reitoria da UFBA
OSUFBA, Concerto Sinfônico – Concerto das Crianças

Sábado, 14 de outubro de 2023, 17 horas, Reitoria da UFBA
OSUFBA, Concerto Sinfônico – Encerramento XXI Seminários Internacionais de Música (Abertura das Celebrações dos 70 Anos da EMUS)

Nossos Contatos

www.escolademusica.ufba.br
<https://www.instagram.com/emusufba>
<https://www.youtube.com/escolademusicadaufba>

osufba@gmail.com